AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

DESEMPENHO RECENTE E RELAÇÃO COM O CENÁRIO EXTERNO

VANCLEI ZANIN
Economista do Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Rio Grande do Sul (SPGG) – vancleizanin@gmail.com

HAROLDO J. T. DA SILVA
Gestor de Projetos do Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (Pecege) na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP) – haroldo@pecege.com

HÁ UMA percepção generalizada de que a agropecuária sofreu menos com a crise econômica brasileira nos últimos anos. Os dados do Produto Interno Bruto (PIB) corroboram essa assertiva. De 2014 a 2017, enquanto a economia nacional encolheu, em média, 1,38% ao ano, a agropecuária cresceu 3,75%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018.

Quando se analisa o conceito mais amplo de agronegócio, a situação ainda se mantém positiva. De acordo com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP), nesse mesmo período, o PIB do agronegócio cresceu, em média, 0,90% ao ano.

Essas taxas indicam como o setor primário propriamente dito conseguiu manter-se competitivo apesar das vicissitudes a que esteve exposto. Diversos fatores explicam esse dinamismo. São os casos da maior inserção do País no mercado internacional de produtos agrícolas, do desenvolvimento de pacotes tecnológicos adaptados às diversas regiões produtivas, do aumento do uso de capital na atividade e da maior escolaridade do trabalhador rural, entre outros.

Nesse cenário, as cadeias produtivas mais ligadas ao mercado externo, como as de soja, cana-de-açúcar, café e proteínas animais, tendem a se beneficiar de maneira mais ampla, apesar de serem afetadas por variáveis exógenas fora de controle.

De janeiro de 2016 a maio de 2018, o índice de preço das *commodities* energéticas (eletricidade, gás, carvão e petróleo) passou de 40,50 para 92,03, enquanto o índice de preço das *commodities* agrícolas (milho, soja, trigo, cacau, café, açúcar, suco de laranja e algodão) foi de 82,01 para 92,03. Esse recente aumento no preço das *commodities* energéticas, em especial do petróleo no mercado internacional, reflete-se na estrutura de custos de produção da agropecuária no mercado doméstico.

De outra parte, dados do Banco Mundial mostram o impacto negativo causado pela valorização da moeda norte-americana sobre os preços internacionais das *commodities* agrícolas. Normalmente, os preços das *commodities* sofrem pressão de baixa quando o dólar se fortalece. Esse movimento espelha o aumento no poder de compra do dólar contra os outros ativos, como as *commodities*, precificadas na moeda norte-americana.

Nota-se que a taxa de câmbio real efetiva norte-americana ficou praticamente estável entre 2001 e 2015. Depois disso, entrou em processo de valorização, com uma valorização real de 13,66% em relação ao nível de 2010. Esse comportamento

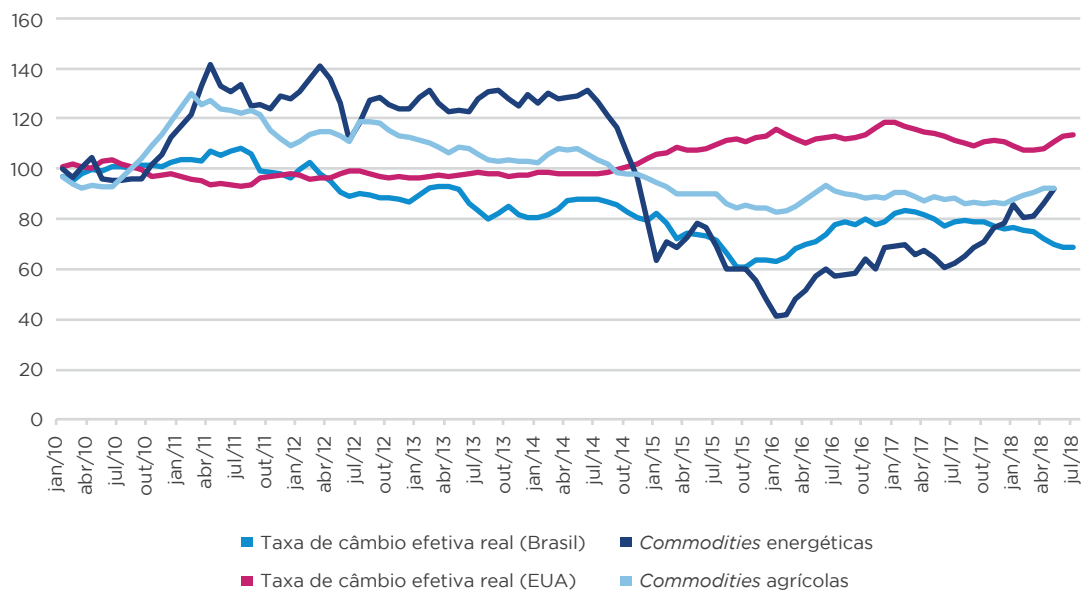
está relacionado ao aumento da taxa de juros e ao fluxo de capitais para os Estados Unidos.

A guerra comercial entre a China e os Estados Unidos também merece ser considerada. A imposição de barreiras tarifárias pelos EUA aos produtos oriundos da China, bem como a retaliação desta sobre a soja norte-americana, aumenta a volatilidade do mercado. A valorização do dólar em relação às outras moedas e os efeitos deletérios desse conflito, atualmente, pressionam negativamente as cotações da soja.

Essas variáveis interferem na economia e nos preços internos dos produtos agrícolas. A desvalorização do real frente ao dólar, o aumento dos preços do petróleo no mercado internacional e a greve dos caminhoneiros restringiram a continuidade da redução da taxa básica de juros (Selic). Já a guerra comercial entre os EUA e a China também força para baixo os preços internacionais de produtos agrícolas como a soja. Isso diminui os benefícios que os produtores poderiam obter de uma taxa de câmbio mais favorável às exportações.

Esses exemplos ilustram que fatores exógenos afetam a economia brasileira e, em especial, as cadeias produtivas conectadas com os mercados externos. A maneira como lidamos com esses processos pode atenuar ou aumentar os seus efeitos. No caso da greve dos caminhoneiros, o tabelamento de preços acaba por penalizar toda a economia e o setor do agronegócio em particular. Esse cenário externo com preços de combustíveis mais elevados, dólar valorizado e maior embate nas relações comerciais representa um desafio para os tomadores de decisão. Tanto a economia doméstica como o agronegócio (apesar do seu melhor desempenho) não estão imunes a efeitos perversos causados pelos choques. ■

EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DE PREÇO DAS *COMMODITIES* AGRÍCOLAS E ENERGÉTICAS E DAS TAXAS DE CÂMBIO EFETIVAS REAIS DO BRASIL (R$) E DOS ESTADOS UNIDOS (US$)



Nota: dados mensais de janeiro de 2010 a maio de 2018 para os índices de preços (2010 = 100) e dados mensais de janeiro de 2010 a julho de 2018 para o índice das taxas de câmbio efetivas reais (2010 = 100)
Fonte: Banco Mundial